

O autor deste volumoso livro, um leigo canadiano, biblista especializado em exegese neotestamentária, professor na universidade de Montréal, que a si mesmo se considera integrado na geração de exegetas do pós-Vaticano II, meditou e estudou ao longo de anos o texto grego da Epístola aos Romanos. Resultou daí o livro que agora é publicado, na sua língua francesa, fazendo ele questão de sublinhar que é preciso fazer teologia em francês, já que a maior parte da produção é hoje em língua inglesa, correndo-se um certo risco de pensamento único.

Na sua estrutura geral, o livro começa por alguns preliminares, em que se inclui uma vasta bibliografia geral (pp. 15-31), seguindo-se uma introdução (também geral: pp. 33-69) e depois, ocupando o grosso do volume, o comentário.

A introdução geral tem em mira situar as orientações do comentário, nela inserindo o autor algumas informações sobre o autor da Carta, o seu contexto, os seus objectivos redaccionais, os seus destinatários e a estrutura que Paulo quis dar ao seu texto. Mais concretamente, são aí versados, entre outras coisas, a autenticidade e integridade do texto, a comunidade romana, o género literário e a composição.

O corpo do comentário está distribuído por sete secções: Abertura da carta (secção I: 1,1-17); A justiça de Deus (secção II: 1,18-4-25); Por nosso Senhor Jesus Cristo (secção III: transição: 5,1-21); Como viver? Um debate sobre Pecado, Lei e Sopro (secção IV: 6,1-8,39); A eleição de Israel. Ou como Deus é justo e fiel? (secção V: 9,1-11,36); Como viver a vida boa? Exortações (secção VI: 12,1-15,13); Fecho da carta (secção VII: 15,14-16,27). Cada secção é precedida por uma breve introdução.

No interior de cada secção, o autor trata separadamente cada versículo ou cada perícopa, adoptando siste-

maticamente a sequência: tradução, interpretação e notas. Frequentemente, introduz bibliografia especializada sobre a respectiva perícopa e faz uso de tabelas esclarecedoras. A sua análise textual é, como se pode deduzir da grandeza do texto, muito minuciosa.

Cerca de sessenta páginas finais oferecem ao estudioso diversos índices: da Bíblia e da literatura antiga (579-606); dos temas (607-624); dos autores modernos (625-637), lista dos excursos; lista dos quadros e figuras e índice geral.

LUÍS SALGADO

VERMEYLEN, Jacques, **Le livre d'Isaïe. Une cathédrale littéraire**, coll. « Lectio divina », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2014, 240 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-10109-7.

Jacques Vermeylen – doutor da Universidade católica de Lovaina e professor emérito da Faculdade de Teologia de Lille – apresenta neste livro uma visão nova do livro de Isaías. Nova enquanto que – em diferença dos estudos já feitos sobre este livro do AT, que dele fazem leituras parciais (canónica, sincrónica, geográfica) – esta é uma leitura completa, recapitulativa e sintética, ao mesmo tempo que inovadora pelo panorama final que oferece sobre o mesmo livro, um livro com aparências de desordenado, contraditório e heterogéneo. Trata-se, pois, de uma compreensão renovada e total de Isaías. Tomando como ponto de partida a estrutura interna do livro, Vermeylen reinterpreta a sua unidade intrínseca e oferece respostas novas e insuspeitadas a interrogações recorrentes sobre quem era o profeta Isaías, qual a sua actividade no reino de Judá, qual a história,

longa e complexa, da formação deste livro do AT a que ele aplica, com propriedade semântica, a metáfora da catedral: uma catedral literária.

Foi assim que estruturou o seu estudo em cinco grandes capítulos. O primeiro estuda a complexa arquitectura do texto, com a figura do rei fiel no seu centro, a visão do dia de hoje e do que há-de vir, as primeiras etapas da consolação de Sião e a visão final de Isaías. O segundo capítulo intitula-se «O livrete de Emanuel» e nele trata o autor da arquitectura do texto, procura responder à questão: um memorial da crise sírio-efraimita? analisa a visão do capítulo 6 sobre YHWH como o verdadeiro rei e os oráculos da guerra sírio-efraimita (capítulos 7 e 8) e a edição da recolha. O terceiro incide sobre a figura do profeta Isaías e sobre o que dele pode dizer o historiador. Analisa a terra de Judá no decurso do terceiro terço do século VIII a. C., expõe o estado da questão, faz um inventário dos textos que remontam à pregação de Isaías, estuda o comprometimento político do profeta e realça alguns elementos de teologia isaiana. O quarto capítulo estuda a formação do livro, com incidência no enigma das suas três grandes partes, no Proto-Isaías, na composição da recolha deutero-isaiana primitiva, na formação do «grande livro» de Isaías, na reedição do livro na época de Esdras e nas últimas redacções do mesmo livro na época helenística. O último capítulo versa sobre o quarto poema do Servo de Yaveh, com análise da sua estrutura, do quadro, da parte central e da unidade redaccional do poema, do poema no contexto dos capítulos 52-54, da narrativa do «nós», da compreensão do poema como «canto do Servo» e da leitura cristológica de Is 53.

Com bibliografia selectiva e índice dos autores citados.

LUÍS SALGADO

PASTORAL

HALÍK, TOMÁS, **Donner du temps à l'éternité. La patience envers Dieu**, Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2014, 274 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09737-6.

Este é um livro diferente, no plano da pastoral. O autor, um dominicano checo, que foi conselheiro de Václav Havel, fez – especialmente ao tempo em que o leste europeu esteve dominado pelo regime comunista – a experiência de viver entre pessoas aparentemente afastadas de Deus mas que, todavia, são sensíveis ao mistério da vida ou da vida como mistério. Deus tornou-se então, para ele, sobretudo o Deus-mistério, aquele que, como se exprimiu a *Lumen gentium*, é objecto da procura daqueles que como que tacteiam nas trevas à procura da luz (cf. n.º 16). É desta gente que trata este livro, um livro que se lê com paixão, porque subverte bastante os preconceitos e as atitudes daqueles que, em regra, estão – ou melhor, se julgam – certos da existência de Deus e em posse do Reino ou, ao contrário em posse da certeza da não existência de Deus. De facto, ateus convictos e militantes, do mesmo modo que fundamentalistas religiosos, juízes severos dos que pensam ao contrário deles, todos eles são aqui atingidos pelo discurso, bem fundamentado na experiência pastoral e no conhecimento teológico do autor. Pelo que ele se bate é, justamente, pela atenção humana e pastoral que devem merecer aos verdadeiros crentes e sobretudo aos pastores todos aqueles que, dum modo ou de outro, aparentemente longe de Deus, andam à procura do verdadeiro Deus oculto, no Mistério que se anuncia para além da última linha do horizonte do que é claramente visível.